

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

— conexão —

Literatura

Abril / 2016

nº 10

Entrevistas
Lançamentos
Livros

**Ela já vendeu mais
de 1 milhão de livros**

Paula Pimenta

Conexão Nerd

Confira nossa nova coluna dedicada
ao universo nerd, pág. 10

**E mais: conheça “Os Ventos Sopram do Norte”,
a história que vem fazendo sucesso no Wattpad**

SUMÁRIO

- Editorial, por Ademir Pascale - pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura - pág. 04
Entrevista com a autora Paula Pimenta - pág. 05
Publicidade: “Fanpage da Revista Conexão Literatura” - pág. 09
Conexão Nerd - pág. 10
Publicidade: Site da Revista Conexão Literatura - pág. 12
Resenha: Armada - A Involução de Ernest Cline, por João Paulo Balbino - pág. 13
Publicidade: E-book “Os Ventos Sopram do Norte”, pela patrocinadora MBlannco - pág. 15
Entrevista com Angelo Miranda - pág. 16
Participe do sorteio e concorra a um livro autografado - pág. 18
Crônica: De Misa para D.Cora e Sandra, por Misa Ferreira - pág. 19
Participe do sorteio e concorra a um livro autografado - pág. 21
De Macário a Noite na Taverna, por Dione Souto Rosa - pág. 22
Publicidade: “Ubook - Livros para ler” - pág. 24
Conto: “Laila e os Caçadores de Demônios”, por Ademir Pascale - pág. 25
Publicidade: Livro “A Infância no Sertão”, por Gilvan Guedes - pág. 30
Conto: “O Paciente número 13”, por Amanda Leonardi - pág. 31
Conto: “Apaixonada Ma Non Troppo”, por Zoraya Cesar - pág. 33
Conto: “Eu Sou Ewais”, por Ricardo de Lohem - pág. 35
Saiba como participar da próxima edição de Conexão Literatura - pág. 37

EXPEDIENTE

Ademir Pascale
Editor, capa e arte

Amanda Leonardi
Conselheira Editorial

Angelo Tiago de Miranda
Conselheiro Editorial

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição de Conexão Literatura, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Nesta nova edição de nº 10, anunciamos que o site da revista Conexão Literatura, já está no ar bombando com novidades ligadas ao mundo da literatura. Basta acessar: www.revistaconexaoliteratura.com.br.

Além do site, uma novidade bem legal é a publicação da nova coluna "Conexão Nerd", da qual apresentaremos mensalmente itens geeks. Confirmam nas próximas páginas.

E como sempre, trazemos um autor em destaque. Desta vez entrevistamos a Paula Pimenta, autora que já vendeu mais de 1 milhão de livros e que vem conquistando cada vez mais leitores.

Nas próximas páginas, o leitor poderá conferir também uma entrevista exclusiva com Tiago Miranda, autor do livro "Análise Mortal", promoções culturais com livros, resenha, crônica, contos e um artigo especial elaborado pela autora Dione Souto

Rosa, intitulado "De Macário a noite na Taverna: uma experiência limite pela janela".

Para parcerias, patrocínios etc, escreva para: pascale@cranik.com e fale diretamente comigo.



Tenham uma ótima leitura e até a próxima edição que também será super especial.

Forte abraço!

Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes "Nouvelles du Brésil", publicado na França pela editora Reflets d'Ailleurs. Publicou pela Editora Draco "O Desejo de Lilith" e "Caçadores de Demônios". Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs

Pai Bárbaro, a sua loja online com diversos produtos exclusivos voltados ao público alternativo



revista

Conexão Literatura

literatura num só lugar

**Conheça os parceiros que fazem da
nossa revista um verdadeiro sucesso**

www.escrevarte.com.br

danirubim.wordpress.com

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

tecapsycho.blogspot.com.br

www.livrosencantos.com

edai7.blogspot.com.br

mynerdbubble.blogspot.com.br

some-fantastic-books.com

www.epilogosefinais.com

www.thunderwave.com.br

viajandopelapaginas.blogspot.com.br

blog.vanessasueroz.com.br

rosasesangue.blogspot.com

www.umlivroenadamais.com

blogaventuraliteraria.blogspot.com.br

www.sugestoesdelivros.com

cinderelasliterarias.wordpress.com

lsnaufrago.blogspot.com.br

www.caixasdsapato.blogspot.com

il-macchiato.com

papirodigital.com

virtualcheckin.blogspot.com.br

leituras-compartilhadas.blogspot.com

literaleitura2013.blogspot.com

retratosdamente.blogspot.com

www.estantedowilson.com.br

www.leituranossa.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.livreando.com.br

www.becoliterario.com

www.benoliveira.com

www.setecoisas.com

amagiareal.blogspot.com.br

www.pensamentosvalemouro.com.br

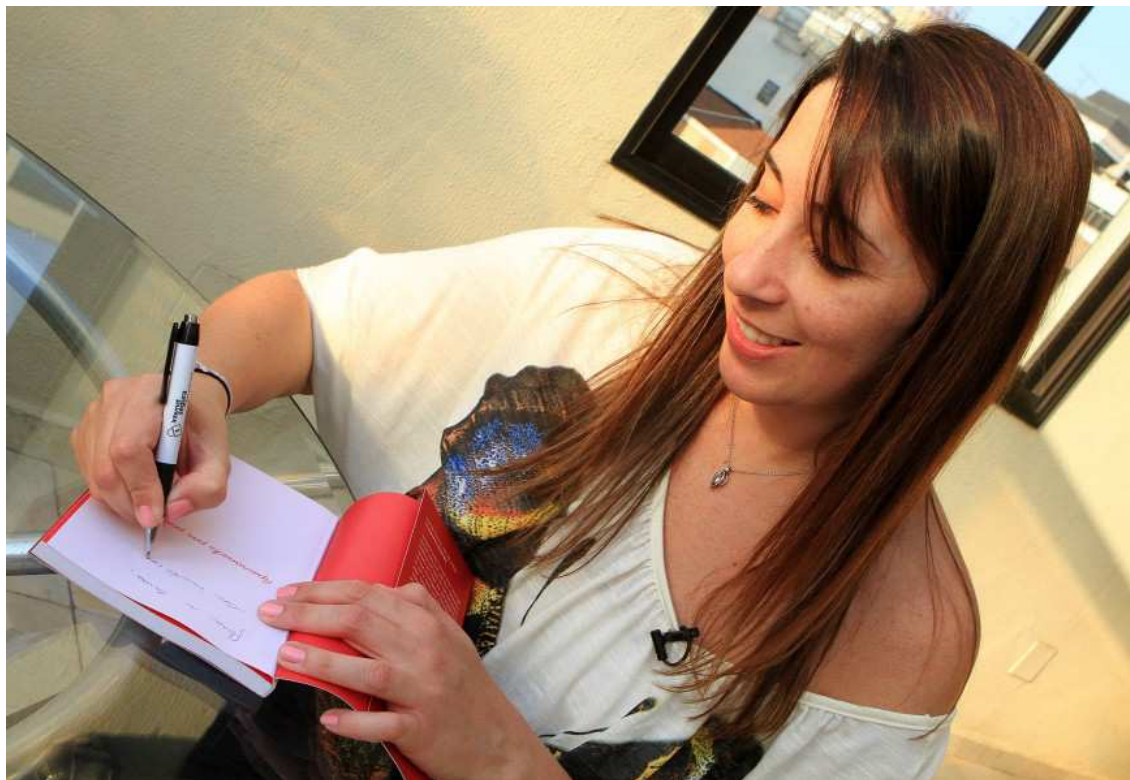
Quer tornar-se nosso parceiro?
escreva para: pascale@cranik.com

Curta nossa Fanpage:



www.facebook.com/revistaconexaoliteratura

Entrevista exclusiva com Paula Pimenta



“Resolvi reescrever a minha própria história como eu gostaria que ela tivesse acontecido! E acabou surgindo o Fazendo meu filme!”

Paula Pimenta, escritora mineira, conhecida por suas séries de livros Fazendo Meu Filme e Minha Vida Fora de Série.

Formada em publicidade, como a maioria dos escritores, começou divulgando o seu livro sozinha na antiga plataforma do Orkut. Sua batalha incansável a tornou popular entre os leitores do gênero. Já publicou ao lado de Meg Cabot, Lauren Kate e Patrícia Barboza, no "O Livro das Princesas". Existem indícios de que um filme será produzido em breve. Seus lançamentos e noites de autógrafos são repletos de fãs e chegou até a ser escolhida entre os 100 brasileiros mais influentes no ano de 2012 pela revista Época.

Leia a entrevista exclusiva que a Paula Pimenta gentilmente cedeu para nossa revista:

Conexão Literatura: Como foi o seu início no meio literário?

Paula Pimenta: Logo que lancei “Fazendo meu filme 1” eu comecei a divulgá-lo por conta própria. Levei em escolas, fiz propaganda em blogs literários e nas comunidades do Orkut!

Aos poucos o livro foi pegando no boca a boca. Quando a editora viu que quase mil exemplares tinham sido vendidos em menos de um ano, me perguntaram sobre a continuação da história, pois os leitores não paravam de escrever para lá pedindo! E aí tudo realmente começou a acontecer. As tiragens foram ficando cada vez

maiores e se esgotando em cada vez menos tempo... E aos poucos fui me tornando conhecida.

Conexão Literatura: Foi fácil publicar o seu primeiro livro?

Paula Pimenta: Na verdade o primeiro livro – Confissão - foi patrocinado pelo meu pai, que queria ter um registro dos meus poemas. Foi uma edição pequena, só mesmo para família e amigos. Então o que eu realmente considero como o primeiro que eu tive que batalhar para publicar foi “Fazendo meu filme 1”, esse sim foi difícil. As editoras ainda tinham muita resistência a publicar literatura jovem nacional, até porque o público tinha um certo preconceito, os adolescentes só queriam saber de literatura estrangeira. Então tive que vencer esse obstáculo. Passei por duas editoras que nem quiseram ler o meu livro e a terceira, que acabou se tornando a minha, inicialmente também não demonstrou interesse. Eu acabei convencendo o pessoal de lá a dar uma chance e pelo menos ler uma parte, e, quando eles fizeram isso, adoraram e disseram que iam publicá-lo! Mas mesmo assim ainda demorou dois anos para isso realmente acontecer...

Conexão Literatura: Como surgiu a ideia de “Fazendo meu Filme”?

Paula Pimenta: Eu me inspirei muito no meu próprio intercâmbio. Eu fazia diários na época da minha adolescência e vi que eles tinham muita história pra contar... Então resolvi

reescrever a minha própria história como eu gostaria que ela tivesse acontecido! E acabou surgindo o Fazendo meu filme!

Conexão Literatura: Você é super popular no universo teen. Poderia comentar?



Paula Pimenta: Eu adoro o contato com os leitores. Gosto de saber o que estão achando das minhas histórias, escuto as opiniões, respondo as dúvidas, e é a “pressão” deles que me faz querer escrever cada dia mais. Fico feliz de saber que eles ficam ansiosos pelos meus próximos livros! As sessões de autógrafos também são maravilhosas, acontece uma troca de carinho muito grande!

Conexão Literatura: Você também é autora da série "Minha vida fora de série". Ao criar suas personagens, você se baseia em alguém próximo, como uma amiga ou mesmo um parente?

Paula Pimenta: Eu peguei algumas características de pessoas que eu conheço e coloquei nos personagens, mas não todas. A Fani se parece um pouquinho comigo. A Gabi foi inspirada em uma amiga minha que era muito esperta, percebia tudo antes de todo mundo... O Leo lembra um pouco o meu melhor amigo de adolescência, que gostava de gravar músicas pra me dar de presente... Mas realmente são apenas pequenos detalhes que eu incluí nos personagens, a maior parte da personalidade deles eu criei.

Conexão Literatura: Como foi a produção do "Fazendo meu filme - Antes do filme começar"

e "Fazendo meu filme - Azar no jogo, sorte no amor?", em quadrinhos?

Paula Pimenta: Para os desenhistas criarem cada um dos personagens, eu fiz um verdadeiro retrato falado, expliquei direitinho como eu imaginava cada um dos meus personagens. Os desenhos tiveram inúmeros retoques até chegar exatamente à imagem que eu queria, que é realmente como eu os imaginei desde o princípio, como eu vejo meus personagens enquanto escrevo meus livros. Interessante também é que eu estou podendo voltar no início da série e explicar com detalhes certas cenas que foram apenas mencionadas. Agora estou desenvolvendo essas passagens e com isso os leitores podem matar a saudade da história.

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre os seus livros que foram lançados em Portugal e Espanha?

Paula Pimenta: No exterior já foram publicados:

Portugal - Fazendo meu filme 1, 2, 3, 4 (com o título A minha vida é um filme) e Minha vida fora de série 1 (mesmo título)

Espanha - Fazendo meu filme 1 (Te lo diré con una canción)

América Latina - Fazendo meu filme 1 e 2 (Viviendo mi película)

Itália - Serão publicados esse ano Cinderela Pop e Princesa Adormecida.

Eu estive em maio do ano passado em Portugal, participei da Feira do Livro de Lisboa, e fiquei muito surpresa de ver o número de leitores que já tenho lá! Minhas duas sessões de autógrafos ficaram lotadas! No final do ano estive também no México, participei da Feira do Livro de Guadalajara, e lá estava muito cheio também! É emocionante saber que meus livros estão conquistando leitores também no exterior!

Conexão

Literatura: Falando em números, você teria uma estimativa da quantidade de exemplares que foram vendidos?

Paula Pimenta: Até dezembro de 2015 foram vendidos no Brasil 1.150.000 exemplares (contando todos os meus livros).

Conexão

Literatura: Quais dicas você daria aos autores em início de carreira?

Paula Pimenta: Em primeiro lugar, é importante ler muito. Geralmente, quem gosta de ler e tem esse hábito, escreve bem. Devemos também escrever sobre o que gostamos, pois quando escrevemos com paixão, os leitores sentem isso. Escrever sobre o que realmente conhecemos é importante também. Ao escolher um tema, certifique-se que você domina o assunto, para não se perder no meio da história. Depois que o livro estiver pronto, é preciso muita paciência e força de vontade pra procurar uma editora. Acho que esses são os passos fundamentais para quem quer escrever e publicar um livro.



Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Paula Pimenta: Sim! Neste ano pretendo lançar vários livros. No momento estou me dedicando à escrita do terceiro volume de Fazendo meu filme em quadrinhos e também do próximo volume da minha coleção de releituras de histórias de princesas (a princesa dessa vez é a Ariel, a pequena sereia!). Mas também vou iniciar duas novas séries, que começarei a escrever em breve!

Perguntas rápidas:

Um livro: O Diário da Princesa

Um(a) autor(a): Meg Cabot

Um ator ou atriz: Mark Ruffalo

Um filme: De repente 30

Um dia especial: O dia do meu casamento, na Disney!



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Paula Pimenta: Gostaria de agradecer pelo imenso carinho dos meus leitores, isso faz com que eu tenha vontade de escrever cada vez mais! Ah, visitem meu site: www.paulapimenta.com.br Sempre conto as novidades lá em primeiro lugar!

Acesse o site oficial da autora: www.paulapimenta.com.br



THE
WINNING
OF
BARBARA
WORTH

DIANA
CAREW

OLYMPIA
SERIES

Curta Nossa Fanpage:



www.facebook.com/revistaconexaoliteratura


RIGHT

HER LOVE
OR
HER LIFE
SOUTHWORTH



ENGLISH
ELEMENTS
AND
PRINCIPLES
GROVE

The
Strange
Woman



WILLIAMS



Nesta nova coluna “Conexão Nerd”, daremos dicas e apresentaremos produtos diferenciados dos quais todos (ou quase todos) nerds gostam. Nessa mescla, não poderá faltar nossas dicas e opiniões sobre filmes, HQs, eventos, livros, séries, colecionáveis, produtos geeks, etc. Algumas pessoas próximas sabem que tenho uma certa compulsão por colecionar “coisas”, dentre as quais estão cartões de telefones, moedas e HQs. Antes era bem mais fácil colecionar cartões telefônicos, pois a maioria dos brasileiros não possuíam celulares e era uma obrigação usar os quase extintos orelhões. Era fácil encontrar cartões jogados por aí, além disso eu também era membro cadastrado da Telefônica, e sempre ia mensalmente em sua sede lá na Rua 7 de Abril, aqui em S. Paulo, escolher os cartões para minha coleção. A tiragem era um fator essencial, pois quanto menor fosse a tiragem mais raro era o cartão. Uma pena que a Telefônica não investiu mais nas estampas dos cartões e praticamente acabou com a telecartofilia. Os meus estão bem guardados e não me desfazo de nenhum. De vez em quando sento calmamente, pego meus cartões e os contemplo :) Para os interessados que desejarem saber mais sobre a telecartofilia, existem alguns sites legais sobre o assunto: <http://www.telecartofiliafurtado.com.br> e <http://eucoleciono.com.br/loja>.

Já as moedas, não é tão fácil colecioná-las. Quem coleciona, como eu, pode ser chamado de “Numismata” (nums: indivíduo que estuda ou se especializa em numismática; numismático). Entre moedas antigas, tenho



várias de outros países, até uma moeda quadrada da Indonésia. Essa paixão por colecionar moedas vem desde o meu avô Andréa Pascale, que iniciou sua coleção na Itália. Meu pai também colecionava. Eu, diferente da maioria das crianças da minha idade (6, 7 anos), passava um bom tempo do dia com uma lupa olhando os detalhes de cada uma dessas moedas. Hoje tenho minha própria coleção, não tão grande quanto a do meu avô ou do meu pai, mas uma coleção que me deixa feliz :) Para saber mais e ficar por dentro desse universo, acesse: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Numismática>.

Bom, mas não pense que eu era uma criança que curti apenas essas coisas, gostava (e gosto) também de games e miniaturas colecionáveis. Eu era viciado nos jogos Megamania, Pac Man, River Raid, Enduro, Frost Bite, Pitfall, H.E.R.O, Sea Quest e outros. Nossa, agora deu uma saudade e vontade incrível de jogar esses games...(rsrs). Já na parte de brinquedos, o Playmobil eram os meus

favoritos. Eu criava diversas aventuras com eles e acredito que boa parte da criatividade em criar histórias, veio desses bonequinhos que ficavam embaixo da minha cama, pois eu acreditava que eles tomavam conta de mim enquanto eu dormia. E olha como é legal o site deles: <http://www.playmobil.com>.

E é claro que curto vários produtos diferenciados desse universo colecionável e geek. Sou fã do Harry Potter e tenho algumas coisinhas dele. As mais novas é um colar vira tempo, que na ficção é capaz de fazer o seu dono viajar no tempo. Ele tem um pingente com uma ampulheta no interior com aros giratórios, super bem detalhados. Esse produto pode ser adquirido na loja Pai Bárbaro: www.paibarbaro.com.br/pd-ddfc4-colar-vira-tempo-giratorio-hermione-harry-potter.html. Outro produto bacana dessa loja, entre vários




outros produtos, é a caixinha de balas do Harry Potter, intitulada “Feijõezinhos de Todos os Sabores”. As balas são sortidas e entre os sabores poderemos encontrar os de Banana, Pimenta Preta, Blueberry, Catarro, Algodão Doce, Cereja, Canela, Terra, Minhoca, Cera de Ouvido, Grama, Maça Verde, Limão, Marshmallow, Ovo podre, Linguiça, Sabão, Tutti-Frutti, Vômito e Melancia. Muito show :) O produto vem dos EUA e pode ser encontrado no link: <http://www.paibarbaro.com.br/pd-23b79f-bala-harry-potter-feijoezinhos-de-todos-os-sabores-bertie-botts-1cx.html>. Para ver outros produtos bacanas dessa loja, como colecionáveis, acessórios, novidades e até um pendrive que achei super legal do Homem de Ferro (quero ganhar esse), é só acessar: www.paibarbaro.com.br.



*Para parcerias com lojas Geeks na coluna “Conexão Nerd”, é só entrar em contato: pascale@cranik.com

Ademir Pascale é Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes “Nouvelles du Brésil”, publicado na França pela editora Reflets d’Ailleurs. Publicou pela Editora Draco “O Desejo de Lilith” e “Caçadores de Demônios”. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. E claro, é um “Nerd”, compulsivo. E-mail: pascale@cranik.com.

A close-up, over-the-shoulder view of a person with a beard and dark hair, wearing a grey sweater, looking at a tablet computer on a light-colored wooden desk. The person's right hand is raised, gesturing towards the screen. The tablet displays a webpage with text and a small image. In the background, a pair of glasses and a pen are visible on the desk. The overall scene suggests a professional or academic setting.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Armada

A Involução de Ernest Cline

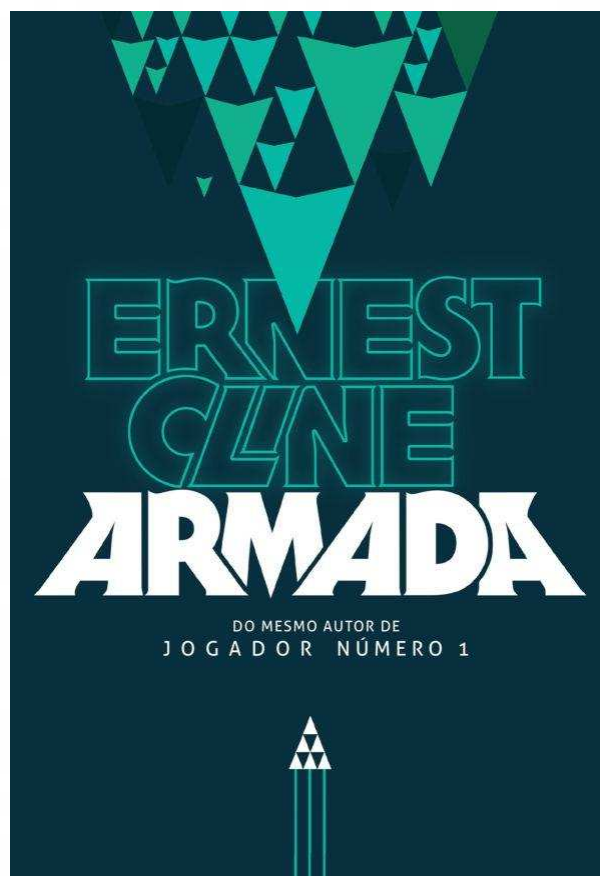
Se você se considera nerd e nunca ouviu falar de Ernest Cline, após ler esta resenha vá imediatamente a uma livraria (ou pegue seu Kindle) e leia Jogador Número 1 (Leya, 2012). Mesmo sendo o primeiro livro de Cline, a maturidade da trama é espantosa e não é raro encontrar alguém afirmando se tratar de um dos melhores livros da vida. O sucesso foi tamanho que Jogador Número 1 será levado aos cinemas por ninguém menos que Steven Spielberg.

É comum que, após um best seller estrondoso, a expectativa sobre o segundo livro de Ernest Cline fosse enorme. Eis que ele lança Armada (Leya, 2015), que tem uma boa história, mas bem distante do potencial atingido por Jogador Número 1.

Armada conta a história de Zack, um garoto sem muito rumo na vida que é o sexto colocado no ranking mundial no jogo que dá nome ao livro. Certa vez, ele está na escola quando vê, pela janela da sala de aula, uma nave espacial idêntica ao do jogo sobrevoando a vizinhança. Dias depois outra nave o abduz, provando que o game, na verdade, era um simulador militar para recrutar pilotos em uma batalha interplanetária.

Montanha-russa de qualidade

A história pode ser dividida em dois momentos, sendo o primeiro o mais interessante. Nessa parte, acompanhamos o dia a dia da vida de Zack e seu contato com uma pesquisa feita por seu pai já falecido sobre teorias da conspiração envolvendo videogames, filmes da cultura pop e seriados. A teoria funciona e consegue instigar o leitor. A segunda parte do livro inicia após a abdução de Zack e foca na guerra em si.



É quando a história muda completamente de rumo e mergulha em uma série de clichês.

É difícil simplesmente qualificar Armada como um livro bom ou ruim. A obra segue uma montanha-russa de qualidade com momentos maravilhosos e outros não tão bons.

O que, sem dúvidas, joga a qualidade para baixo é o já citado número exagerado de clichês. São tantos que, em algumas situações, chega a ser possível prever os próximos passos da história. O encontro de Zack com um personagem na Base Lunar Alpha, por exemplo, é algo previsível desde a primeira parte do livro. E o relacionamento entre ambos após esse encontro

continua com a mesma previsibilidade. Prova disso é a descoberta da identidade de RedJive, o lendário número 1 do ranking do jogo Armada. Nada original, ousado ou surpreendente.

Vale também ressaltar que é difícil dar credibilidade à guerra proposta por Cline. Se em Jogador Número 1, o Oasis era bastante verossímil, fica complicado acreditar que os líderes mundiais investiriam sua última esperança em personagens que agem, na maioria das vezes, sem noção da gravidade da situação, inclusive o próprio Zack. Com isso, não se transmite ao leitor um sentimento de urgência, o

que Cline faz brilhantemente em Jogador Número 1.

É importante ressaltar que Armada não é um livro ruim. Tem momentos bons, que divertem, mas fica uma sensação de potencial não alcançado ao terminar a leitura. Cline tinha em suas mãos um material que poderia tranquilamente ser um novo O Jogo do Exterminador, clássico de Orson Scott Card, só que fica bem longe disso.

Se você não se considera um leitor exigente e gosta de videogames, Armada foi feito para você... mas apenas se, de fato, não for um leitor exigente.

ERNEST
CLINE

ARMADA

DO MESMO AUTOR DE
JOGADOR NÚMERO 1

João Paulo Balbino vive profissionalmente da escrita desde 2009, desenvolvendo textos para empresas. Seu trabalho já gerou reconhecimento internacional, como o Latin American Excellence Awards 2015. Em narrativas, possui mais de uma dúzia de contos publicados em antologias, sendo duas internacionais; um livro de Ficção Científica lançado em 2008, aos 21 anos; e um ebook disponível na Amazon: “Relatos de Paixões & Crimes”. Atualmente procura editora para seu primeiro livro policial, intitulado “Eu, assassino?”. Site; www.joaopaulobalbino.com. E-mail: joaopaulobf@gmail.com.

Os Ventos Sopram do Norte

MBlannco

Acompanhe esta incrível aventura ao redor do globo!
Romance, ação, mistério, suspense e muitas surpresas em
Os Ventos Sopram do Norte.

Breve disponível na Amazon. Lançamento em abril!

Leia os primeiros capítulos no Wattpad!
www.wattpad.com/user/MayaBlannco
Booktrailer: <http://migre.me/tnMd4>

amazon

wattpad

Entrevista com Angelo Miranda

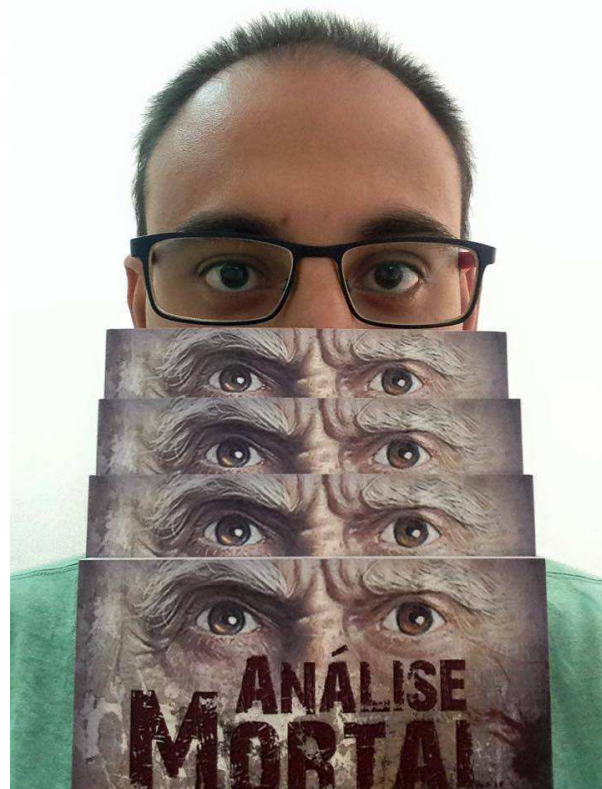
“Foi após ter conquistado em 3º lugar um concurso literário de contos concorridíssimo promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo em 2008, que nasceu em mim o desejo de escrever histórias.”

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Angelo Miranda: Foi após ter conquistado em 3º lugar um concurso literário de contos concorridíssimo promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo em 2008, que nasceu em mim o desejo de escrever histórias. Passei então a escrever contos e submetê-los a vários concursos literários. Alguns deles eu conquistei boas colocações e tive os meus contos publicados em antologias. Depois de cinco anos, decidi que era o momento de partir para um projeto solo de mais fôlego e durante 1,5 anos escrevi uma novela de terror intitulada “Análise Mortal”, lançada pela Ar Editora em agosto de 2014.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Análise Mortal". Poderia comentar?

Angelo Miranda: A história se passa em grande parte na cidade de São Paulo e acompanha a trajetória de Frederico Batista, mais conhecido como Fred, que passa a ser aterrorizado após o encontro com um idoso numa rua do centro de São Paulo. Imprimi na história um ritmo tenso e ágil em que os acontecimentos vão acontecendo numa sequência que acaba por prender o leitor do início ao fim, pois afinal, quem é aquele



velho? Por que a vida de Fred se torna um inferno? Qual a relação entre o protagonista e o antagonista? Depois de muitas mortes, perseguições e fenômenos sobrenaturais, o leitor encontrará a resposta dessas e outras questões que surgirão ao longo da leitura do livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Angelo Miranda: “A boca do velho, que parecia pequena, começou a abrir lentamente. Logo, os poucos dentes espaçados e afiadíssimos apareceram. Como uma serpente, cujos ossos dos maxilares deslocam-se para tragar a vítima indefesa, a cabeça de Fred foi puxada pelo cachecol enrolado firmemente no pescoço. Fred, já quase desmaiado pela falta de ar, viu sua cabeça ser engolida para dentro

daquela boca escancarada. Ainda sentiu um bafo quente misturado a um odor de ovo podre que o remetia ao rio Tietê em dias de calor”.

Conexão Literatura: Se fosse para você escolher uma trilha sonora para o seu livro, qual seria?

Angelo Miranda: Não tenho uma trilha sonora específica, mas como sou um amante da música clássica, acredito que a música mais adequada para a história da tribulação de Fred pelas ruas de São Paulo seria uma com um tom grave, tocada por um pianista e ritmo lento intercalada com movimentos mais agitados.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para adquirirem o seu livro?

Angelo Miranda: A forma mais fácil de adquirir é pelo MercadoLivre, onde eu administro e mantenho um anúncio do livro. Lá eu converso diretamente com o interessado e consigo inclusive não cobrar o frete. Também vendo diretamente (depósito em conta ou envio de boleto bancário por e-mail) para os interessados por meio do meu perfil nas redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Skoob).

Conexão Literatura: Quais dicas você daria aos autores em início de carreira?

Angelo Miranda: Vejo muitos autores em início de carreira muito ansiosos em publicarem os seus trabalhos e quase sempre a afobação cobra um preço muito alto levando ao desestímulo em continuar pelas críticas que recebem dos leitores. Vejo livros mal diagramados, capas mal feitas e o mais trágico, com muitos erros de Português. Estamos vivendo num período áureo da autopublicação, em que nunca foi tão fácil e simples publicar um original, porém, os escritores precisam ter em mente que isso não deve ser feito de qualquer maneira sob o risco de iniciarem uma carreira de maneira desastrosa. É preciso colocar a mão no bolso e contratar profissionais para fazerem uma revisão, uma bela capa e diagramação. Além disso, a minha última dica é que os

autores em início de carreira leiam muito, nunca parem de ler, principalmente os livros de autores dos gêneros em que eles querem escrever, tudo para conhecerem o ritmo das narrativas, os estilos dos personagens, as cenas, entre outros aspectos que ajudarão o autor a desenvolver uma história com características do gênero (drama, terror, policial, etc.) a que ele se propôs a escrever.

É preciso colocar a mão no bolso e pagar uma revisão, uma diagramação e uma capa.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Angelo Miranda: Estou reunindo vários contos e escrevendo alguns novos para compor um livro em que as histórias terão como pano de fundo a morte. A morte sendo o desfecho ou o início de uma nova história. Serão contos de terror, suspense, drama e ficção científica reunidos num livro que pretendo lançar ainda este ano. Além disso, comecei a escrever um novo livro de terror com previsão de lançamento em 2017.

Perguntas rápidas:

Um livro: O cemitério (Stephen King)

Um (a) autor (a): Marcos Rey

Um filme: O Exorcista (1973)

Um dia especial: Quando os meus livros chegaram da gráfica e eu retirei da caixa um exemplar. Foi a primeira vez que eu vi como tinha ficado. Que emoção ver, tocar e folhear o resultado de um longo trabalho de escrita.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Angelo Miranda: Convido os leitores da revista a acessarem o meu site www.angelomiranda.com.br para conhecerem o meu trabalho e também para entrarem em contato comigo.

Acesse o site oficial do autor: www.angelomiranda.com.br



**PARTICIPE
DO
SORTEIO!**

**E concorra ao
livro autografado**

Veja as regras em:

sorteiefb.com.br/tab/promocao/539100

Promoção válida até o dia
27/04/2016

De Misa para D.Cora e Sandra

crônica

Duas amigas queridas me instigaram a ler um livro: “A sociedade literária e a torta de casca de batata”. Trata-se de uma ficção adorável. Logo após a Segunda Guerra, os habitantes da ilha inglesa de Guernsey passam a escrever cartas para uma escritora de Londres, que se vê envolvida pela história dos habitantes da ilha que ficaram cinco anos sob o domínio dos alemães. Durante este tempo, estes habitantes criaram uma sociedade literária ou um clube de leitura, a princípio como uma espécie de manobra para despistar os indesejáveis novos ocupantes da ilha, e depois por puro amor à literatura.

Transcrevo aqui a carta que escrevi às minhas amigas agradecendo sua gentileza, e registrando minhas impressões sobre tão preciso livro:

De Misa para Cora e Sandra

Queridas amigas D.Cora e Sandra

A exemplo dos habitantes de Guernsey, também quis escrever uma carta, mas para vocês. Confesso que o início do livro “A sociedade literária e a torta de casca de batata” não me entusiasmou. Se não fosse pelas notas explicativas de D. Cora identificando e descrevendo as personagens, eu teria quase desistido. No entanto, fui em frente e logo depois me apaixonei. Eu me apaixonei pelos habitantes de Guernsey, pelos livros que leram, pelo caráter dos membros da Sociedade literária, pelos seus poéticos e interessantíssimos comentários sobre a leitura, e até pela malvada e venenosa Adelaide Addison, que “se alimentava de sua própria ira” (onde tem gente tem coisa de gente, como dizia minha tia Tuza).

Também confesso que me identifiquei com a protagonista Juliet Ashton, não por sermos escritoras... bem, a verdade é que eu tenho apenas a pretensão de ser uma escritora. Mesmo sendo ficção, eu me identifiquei com ela porque tal como eu, ela sofreu uma grande



perda com a morte de seus pais quando ela tinha apenas doze anos: “Fui uma criança razoavelmente bem comportada até os doze anos, quando meus pais morreram (...) Tornei-me uma menina zangada, amarga, intratável”.

Eu não perdi meus pais com doze anos, mas exatamente com essa idade eu perdi minha referência, minha própria identidade quando nos mudamos de cidade (ouvi um psicólogo falando sobre outras perdas que não as de pessoas, tão desastrosas quanto estas). O que foi um acontecimento normal na vida de meus irmãos, para mim foi uma verdadeira tragédia, uma ruptura, uma devastação. Então fiz minhas as palavras de Juliet porque eu também me tornei uma menina zangada e amarga. Lendo um poema de Mario Quintana eu percebi o que

havia acontecido: “depois que me assassinaram eu perdi um jeito de sorrir que eu tinha”. Bem, os livros fazem isso: ajudam-nos a identificar nossas perdas e nossos sonhos. São nossos grandes amigos, confidentes, companheiros, cura para muitos males, seja para quem os leia, seja para quem os escreve. Os personagens de Gernsey que o digam, pois foi pela Sociedade Literária que conseguiram atravessar o difícil período da ocupação alemã, e sem perder o senso de humor. Eu transformo a ficção em realidade, não tem jeito mesmo.

O mais interessante e atraente do livro é o modo como a literatura “agiu” na vida de cada um dos membros, sendo que até então, alguns sequer haviam lido uma revista inteira. O modo como eles se identificaram com o que liam, como o rapaz que leu e gostou de um poema de Wilfred Owen: “A doçura do céu paira sobre o mar – Ouça, o Todo Poderoso está acordado”. Ele acabou conquistando a moça por quem estava apaixonado ao declamar esta fala do poeta. Fantástico! Ou também a frase de Shakespeare: “O belo dia terminou e a escuridão nos aguarda”, amei! Concluo que mais do que a psicanálise, a literatura é um campo privilegiado porque a liberdade ficcional permite aos escritores não só projetarem aspectos de sua

psique em personagens, como também captar e expressar algumas nuances que escapam ao discurso lógico da ciência, ou seja, a literatura cura ou conforta mais do que a psicanálise. Assim eu me identifiquei com Juliet quando ela falou de seus fantasmas do passado.

É uma bela obra de ficção, embora as autoras tenham se baseado em fatos reais, como a guerra, e mesmo em pessoas transformadas em personagens, como acontece com fatos contados e pesquisados. Muda-se apenas o nome, e manda ver porque a história pertence à humanidade.

Não posso nem pensar nos horrores da guerra, até filmes não gosto de ver, evito. Imagine só naquela época, os habitantes da ilha certamente passaram por privações, houve mortes e tudo o que está no livro. A mamãe contava que ela vivia com os ouvidos pregados no rádio e não perdia nenhuma notícia. Ela se emocionou muito com o “Dia D”, ficou o dia todo acompanhando.

Enfim, livro adorável! Amei! Só tenho a agradecer às amigas pelo prazer que me proporcionaram.

Com amor
Misa

P.S. Por que não fundamos uma Sociedade Literária para despistar os que não curtem a literatura? Estou pensando no assunto.

Para os leitores que estiverem interessados, depois passo a receita da Torta de casca de batata.

Maria Luiza (Misa Ferreira) é bancária aposentada. É formada em Letras e pós-graduada em Literatura. Depois de aposentar-se descobriu o prazer de escrever contos e crônicas. Já escreveu os livros: “Demência, o resgate da ternura” e “Santas mentiras”. No momento está trabalhando para a publicação de um livro infantil já pronto. É articulista de um jornal local. E-mail: misachief@gmail.com.



Participe
do
Sorteio!

E concorra ao
livro autografado

Veja as regras em:

www.sorteiefb.com.br/tab/promocao/537486

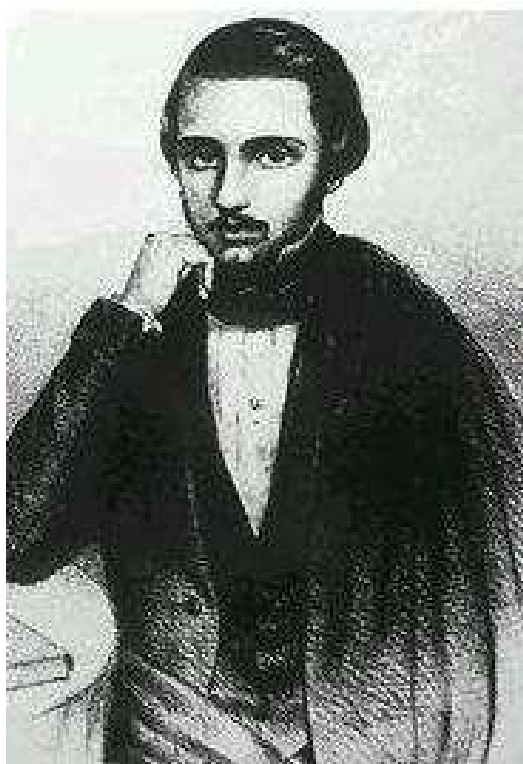
Promoção válida até o dia
20/04/2016

De Macário a Noite na Taverna Uma Experiência Limite Pela Janela

Macário (1852) e Noite na taverna (1855) são obras do escritor brasileiro Álvares de Azevedo, e são dois modelos básicos da imaginação dramática e narrativa do autor, sendo que a primeira ilustra uma visão de alma e a segunda uma visão de mundo.

No artigo “Álvares de Azevedo, um contista fantástico”, Maria Imaculada Cavalcante comenta sobre a possível continuação de Macário em Noite na taverna, onde cinco jovens sentados ao redor da mesa de uma taverna, embriagados de vinho e envoltos na fumaça do charuto, relatam suas macabras histórias de vida” (CAVALCANTE, 2007, p. 9). O que se pode afirmar é que a temática de Noite na taverna e Macário se assemelham com a mesma atmosfera saturnal, clima satânico, fantástico e de horror. O que diferencia é que Macário é um jovem estudante que não tem uma longa história de vida, mas é assessorado pelo mestre das transgressões, o próprio Satã e, em Noite na taverna, os jovens são cheios de vícios morais e agem por suas próprias convicções.

Antonio Candido acredita que as obras Noite na taverna e Macário estão interligadas e sublinha que “haveria nesta ligação uma pedagogia satânica, visando desenvolver o lado escuro do homem, que tanto fascinou o Romantismo e tem por correlativo manifesto a noite, cuja presença envolve as duas obras, e tantas outras de Álvares de Azevedo como ambiente e signo” (CANDIDO, 2011, p. 18).



As histórias apavorantes dão o tom da tragédia interna em que os personagens naufragam.

No artigo “A fundação da literatura brasileira em Noite na taverna” Cileine Alves comenta que em Macário, o personagem “pode ser visto como o aluno predileto de Satã, como alguém ungido para iniciar-se em sua doutrina filosófica e poética. No seu dizer: “abrir a alma ao desespero é dá-la a Satã” (ALVES, 2004, p. 117). E o mal toma conta da cena: “com isso, no final da trama, Satã leva a cabo a iniciação demoníaca de Macário, convidando-o a espiar uma

orgia pela janela” (2004, p. 116). A autora verifica a proximidade com o herói fatal de Byron, a quem Álvares de Azevedo admirava:

[...] a construção do Satã de Álvares de Azevedo obedece às mesmas características do herói fatal desenvolvido por Byron ao longo de sua obra. Como este, Satã é um indivíduo demoníaco, misterioso, rebelde e indomável, podendo por isso ser visto como encarnação do romantismo brasileiro, de tendência byroniana, que tomou a vida e a obra de Byron como modelos de experiência boêmia a ser imitada na vida e na literatura. (ALVES, 2004, p. 117)

Em Macário, Satã proporciona, ao protagonista uma experiência limite, na modalidade que os franceses chamam de ‘frenético’ (CANDIDO, 2011, p. 21). Segundo desvenda para Macário uma:

[...] experiência-limite, marcada pelo incesto, pela necrofilia, pelo fratricídio, pelo canibalismo,

pela traição e pelo assassinio – cuja função para os românticos era mostrar os abismos virtuais e as desarmonias da nossa natureza, assim como a fragilidade das convenções. Associados a isso estão a noite, a tempestade, o raio, o naufrágio, o tufão –, constituindo o arsenal daquele ‘belo sublime’ que podia costear o ‘horível’, como indicam algumas páginas críticas de Álvares de Azevedo. (CANDIDO, 2011, p. 21).

Talvez, quem sabe, após essa leitura o leitor possa ficar curioso em estudar os dois trabalhos de Álvares de Azevedo, o qual criou obras de terror e interesse social, na medida em que o homem sempre vai se deparar com o bem e o

mal, e sempre vai precisar livrar-se de vícios sociais. Nesse contexto Macário e Noite na taverna se revelam atemporais e atuais.



REFERÊNCIAS:

- ALVES, C. Fundação da literatura brasileira em Noite na taverna. Disponível em: www.seer.fclar.unesp.br. Acesso em: 10 mar. 2014.
- O belo e o disforme: Álvares de Azevedo e a ironia romântica. São Paulo: Fapesp, 1998.
- CANDIDO, A. Educação pela noite. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2011.
- CAVALCANTE, M. Álvares de Azevedo, um contista fantástico. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/download/11753/17725. Acesso em: 21 mar. 2007.

Dione Souto Rosa é formada em Direito, pós-graduada em Direito Processual Civil, Licenciada em Letras Português/Inglês, Curso de Piano Clássico, História da Música, Teoria e Solfejo, Mestranda em Teoria Literária pela Uniandrade/PR e membro efetivo da Academia de Letras José de Alencar/PR. Publicações em poesia com indicação ao Codex de Ouro/2011 e diversos contos em coautoria. Prêmio no Primeiro Concurso Cranik com o conto Nuada, o lendário rei Tuatha Dé Danann. Romance solo: Luar de Sangue e e-book Viagem ao Reino da Cabeça da Serpente. Convite para integrar Mr. Hyde – homem monstro. E-mail: dirosa19@yahoo.com.br.

Sem tempo para ler?

Ouça os livros que você sempre quis,
quando e onde quiser, ilimitado.

No app
+ web



Mais de
3.000
títulos

Livros,
revistas
e podcats



Acesse try.ubook.com/conexao e saiba mais.

u**book**

Laila

E os Caçadores de Demônios

Ela olha para trás e se certifica de que ninguém a está seguindo.

Uma sensação estranha de desconforto não a deixa raciocinar direito. Ela para no pátio. As luzes da igreja estão apagadas. A porta principal está fechada. O silêncio chega a ser perturbador, até um som estranho surgir detrás de um dos carros estacionados. Arma em punho. Dedo no gatilho. Coração acelerado. A tensão aumenta a cada passo. Até... alarme falso. Alguns gatos noturnos estão tentando rasgar sacos de lixo. Ela sorri aliviada, não por não ter encontrado o que esperava, mas por economizar suas balas benzidas em água benta.

Então caminha em volta da igreja, em sentido à porta dos fundos.

Entreaberta. Ela anda vagarosamente pelo extenso corredor mal iluminado e no meio do trajeto resolve ajustar os fones de ouvido em seus devidos lugares. Seleciona a música *Bring me to life*, do Evanescence, aumenta o volume no último tom e, balançando a cabeça para frente e para trás, percebe uma porta onde há uma luz acesa, bem lá no fundo.

Ela retira os fones de ouvido e ouve uma voz masculina. Padre Antonio Spadoni, concentrado, está dentro de uma pequena sala.

Olhando-se fixamente no espelho, nem sequer ele notou sua presença.

– Tem alguém aí dentro? Eu sei que tem... Fala comigo. Fala comigo. Por favor... FALA COMIGO – desesperado e com o rosto molhado pelo suor, Spadoni puxa os cabelos.

Laila fica arrepiada ao notar que ele está sozinho lá dentro, indagando a si mesmo. Ela sabe que algo está errado com ele e que este não será o momento certo para uma conversinha com chá e biscoitos.

Ela retira uma caneta do bolso e escreve rapidamente num pedaço de papel. E, sem que

ele perceba, deixa o bilhete sobre a mesa, embaixo de um punhal.

O que se passa na cabeça do padre, talvez ela nunca saberá.

Já lá fora, com um pequeno crucifixo que acabou de roubar da mesa do padre, ela caminha até a rua de cima, onde seu Maverick 78 está estacionado. Na realidade, este veículo não é seu, mas fruto de roubo da casa de um rico colecionador de raridades.

O ronco do motor faz com que algumas luzes da vizinhança se acendam.

Ela adora fazer isso e não dá a mínima por chamar a atenção, pois em poucos segundos estará longe dali.

As ruas estão desertas. Seu destino é uma movimentada danceteria que fica próxima à Praça da Bandeira, centro de São Paulo.

Ela estaciona o carro em local proibido. Laila sempre evita estacionamentos.

Logo surgem dois flanelinhas que desistem da ideia de cuidar do Maverick quando ela levanta a camisa e deixa à mostra suas inúmeras tatuagens, além da coronha do seu revólver calibre 32.

Em frente à danceteria, ela nota dois seguranças que revistam e correm o detector de metais em quem deseja entrar. Mas não será um problema para ela, algo até fácil, pois já passara por isso inúmeras vezes.

Um dos seguranças, um homem negro, forte, com mais de dois metros de altura, passa o detector de metais sobre a roupa dela, até chegar ao local onde disparou o aparelho.

– A senhora está portando algum objeto de metal aí embaixo da camisa?

– Estou, mas está bem abaixo do umbigo. Você quer que eu mostre pra você lá dentro? Se quiser pode ser no banheiro – Laila se segura para não mandar o segurança para a mãe que o pariu. Chamá-la de senhora foi um tremendo insulto.

– É? Bem... pode ser, mas não agora, o chefe está olhando pela câmera. Faz o seguinte: vou passar um rádio para o segurança da porta dos fundos para deixar você entrar, ok? Lá pelas 3 da manhã, quando a coisa aqui fora estiver mais sossegada, eu te procuro lá dentro. Disfarça, finge que vai embora, mas dá a volta e entra, beleza...

Você entrará como vip.

– Beleza, gata! – Laila mostra o dedo para a câmera, depois sai rebolando em direção à porta dos fundos, mas com vontade de vomitar, pois não gosta de homens.

O acesso pela porta dos fundos foi tranquilo. O segurança apenas a olhou de cima abaixo e deu um sorriso malicioso, depois carimbou a mão da moça para acesso vip e a deixou entrar. O lugar estava agitado, nas próprias palavras de Laila, pegando fogo. A música *Confusion*, do New Order, mesclava com o ambiente.

Empurrões, euforia, quentura e cheiro de suor. Logo surgem os primeiros olhares dos homens.

Mas não são estes que ela procura.

Instintivamente, no meio de dezenas de pessoas, o olhar de Laila cruzou com o de Monique, como se já soubesse que a garota estava ali no meio daquela confusão apenas esperando ser encontrada.

A aproximação foi imediata.

Laila pensou em erguer os braços e se encostar na garota, mas seria um grande erro deixar sua arma à mostra.

Ambas apenas acenam a cabeça, concordam em sair dali e se encostam no balcão. Então, decidem tomar um drink e, embora permaneçam sem trocar palavra, os olhares preenchem esta lacuna.

Idade “aparentemente” semelhante. Mesmos gostos identificados nas tatuagens e trajes. E ainda ao som de *Confusion*, as garotas se abraçam. Ofegante, Monique convida Laila para conhecer sua casa.

O aceite veio logo em seguida.

Rápido como deveria ser. Afinal, pra quê perder tempo? Foram poucos minutos para encontrar sua cara-metade, até aquele presente momento tudo corre muito bem. Monique acerta a conta e as duas saem felizes da danceteria, exceto ao cruzarem com o segurança que liberou a entrada de Laila.

– Você... Você está de mãos dadas com esta garota? Tentou me enganar para entrar? – os

olhos do segurança faíscam de fúria. Ele segura e aperta com força o braço de Laila.

– Ei, quem você pensa que é, seu desgraçado?

– Laila cerra os dentes e chuta com força a genitália do segurança, que desaba como uma parede de concreto.

Outros seguranças são acionados. E antes que as coisas se compliquem ainda mais, as garotas correm e se dirigem ao carro de Monique, um Range Rover Sport.

Um dos flanelinhas informa para os seguranças onde as garotas estão.

Monique, com as mãos no volante, acelera. Laila, incomodada no banco dianteiro do passageiro, se levanta para retirar do bolso um copo que roubou como souvenir na danceteria. Em pensamento, ela lamenta por largar seu Maverick na rua, pelo menos por enquanto.

E, por mais que os seguranças correm, o carro desaparece de vista.

Monique, sorridente, coloca a mão sobre a perna de Laila.

– E aí, gata, curtiu a aventura?

– Curti. Nada para tirar o fôlego, mas foi bom

– Laila ajeita os cabelos tentando disfarçar sua ansiedade.

– Logo chegaremos a minha casa, fique tranquila – Monique arma um olhar malicioso. Laila retribui.

Laila liga o som do veículo e tenta sintonizar uma rádio que toque música que lhe agrade, mas não encontra nenhuma. Monique retira um pen drive do porta-luvas e o oferece a Laila.

– Aqui tem som dos bons!

O veículo segue ao som de *Roadhouse Blues*, do The Doors.

Em poucos minutos já estavam em frente à casa de Monique, num local a duas quadras da igreja do padre Antonio Spadoni.

O portão automático foi acionado. Logo surgiu um segurança com um cão rottweiler preto pela coleira.

– Tudo bem, senhora? – perguntou o segurança olhando desconfiado para Laila.

– Tudo bem. Esta é minha nova... amiguinha!

Laila dá um tchauzinho para o segurança enquanto o carro é estacionado.

Ela olha para os lados e verifica que é um lugar de difícil acesso, tanto para entrar, como para sair. Uma casa que mais parece uma prisão. Ela verifica as horas. Até então, tudo perfeito.

Na porta da casa, uma senhora veio recepcioná-las.

– Deseja alguma coisa, senhora? – pergunta a empregada.

– Sim, privacidade. Ah, mas antes traga uma bebida para nós, ok?

Elas entram na casa. Laila fica impressionada com a belíssima decoração. Tudo em seu devido lugar, limpo e... caro. Monique parecia ser uma empresária bem sucedida. E qualquer pessoa que conhecesse Laila saberia que ela tiraria proveito disso. Mas não naquele dia. Não naquele momento. Não com Monique. Sua intenção era outra, bem diferente...

Laila verifica os títulos dos CDs de Monique: “The Doors”, “Iron Maiden”, “Nirvana”, “Black Sabbath”, “Metallica”, “AC/DC ”... A empregada serve a bebida para as garotas. Elas brindam. Monique acha graça da Laila ter engolido o líquido num único gole. Elas se entreolham seriamente, então Monique pede licença para se trocar, colocar algo mais confortável e apropriado para o momento. Laila senta no sofá enquanto a nova amiga vai para o quarto. Mas por pouco tempo. Ela verifica mais uma vez as horas e sai em disparada olhando para todos os cantos da imensa casa. Várias portas estão abertas, mas Laila se interessa mais pelas que estão fechadas.

Ela abre e verifica uma por uma, da maneira que só uma ladra sabe fazer.

Nada de anormal nos cômodos foi encontrado. Só restou verificar uma porta, lá nos fundos.

Laila corre, pois tem pouco tempo para concluir a operação, motivo de sua saída naquela noite. O sentido que a move para viver: caçar demônios.

A porta está trancada. Mas com apenas dois alfinetes que sempre carrega consigo conseguiu destrancá-la em menos de 20 segundos.

Porta aberta.

A cena que se descortina provavelmente nunca mais se apagará de sua mente.

Ela já presenciou muita coisa ruim em seus 25 anos de vida, mas esta...

O terrível odor enche suas narinas.

Ânsia. Vontade de vomitar.

Ela tenta não perder o controle e deve se concentrar em seu objetivo e procurar... Procurar por vida.

O quarto está repleto de cadáveres dissecados. Alguns, um sobre os outros, num canto ao lado de uma parede escura e mofada.

Outros estão nus sobre mesas. Os mais impressionantes estão pendurados pelos pulsos em cordas que vão até o teto. Laila verifica a expressão facial de cada um deles e conclui que morreram sofrendo muita dor.

Ela para em frente a uma garota provavelmente de sua idade. Seu corpo desnutrido revela que ficou ali por muito tempo sem comida e sem água, ou algo lhe sugou a energia, especialidade de alguns demônios.

Laila, vidrada, olha para aquela garota tentando imaginar seu nome ou como ela foi parar ali.

Silêncio.

Concentração.

Olhos se abrem.

Laila dá um salto e quase entra em choque quando percebe que a garota ainda está viva.

Ela tem que se concentrar.

Rapidamente, sobe numa cadeira e desamarra a garota, que cai abruptamente no chão.

Ela olha mais uma vez para o relógio, em seguida coloca o braço da garota sobre seu ombro e a coloca em pé. Com força hercúlea a arrasta até a sala.

Monique, com uma roupa mais confortável, aguarda Laila sentada no sofá. Com os olhos arregalados e surpresa, pergunta: – Mas... o que está acontecendo aqui? Como você...

Já com a arma numa das mãos, ela acomoda a garota semi-morta numa confortável cadeira, depois retira um recorte do bolso e joga no colo de Monique.

– Leia, sua vagabunda.

Jornal Um Dia em São Paulo

A delegacia do bairro de Pinheiros, em São Paulo, informou que cerca de 1 pessoa desaparece todas as noites no bairro e imediações sem deixar pistas há cerca de 3 meses. O sequestro foi desconsiderado, já que algumas das pessoas que desapareceram eram moradores de rua.

As investigações continuam, mas não existe progresso.

Alguns moradores cogitam ser tráfico de órgãos, mas são apenas especulações.

– Você é da polícia, ou... – pergunta Monique com as mãos sobre o sofá, pronta para se levantar.

– Ou... caçadora de demônios, é isso o que você ia perguntar, vadia?

Sem medo e com os olhos luminosos, Monique, com fúria, se levanta e vai de encontro a Laila, que não hesita e dispara.

Tiro de raspão.

Elas se atacam. Arma no chão. Laila chuta a genitália de Monique, ela apenas sorri e responde com um chute que atira a outra para o canto da sala. Laila sente dor, mas isso é para os fracos. Ela se levanta e vai de encontro novamente a Monique, mas desta vez o soco que levou no queixo fez seus olhos lacrimejarem.

– Você terá o mesmo destino que ela, Laila – diz Monique apontando para a garota no sofá, já morta.

Laila não conseguiu salvar a vida daquela garota, mas tentará salvar outras vidas enviando Monique novamente para o inferno.

Mas não está sendo nada fácil.

A todo momento, Laila espera por uma brecha para pegar o revólver caído no chão, a arma mais poderosa que ela tem no momento contra demônios. Mas ela tem outra opção guardada consigo, um soco-ínglês de prata, bento como as balas de seu revólver. Monique gargalha ao ver a atitude de Laila com o soco-ínglês entre os dedos, mas desfaz o sorriso rapidamente quando leva o primeiro golpe que a faz sangrar. Momento certo para Laila pegar a arma no chão e atirar na empregada que ouviu a luta e apareceu para ajudar a patroa.

Mais um demônio que voltou para sua morada no inferno.

Restam apenas quatro balas. Monique é rápida, difícil de mirar para dar um tiro certo. Laila resolve usar o plano B. Ela corre, vai até o jardim da casa. Monique caminha vagarosamente, já sabendo que Laila não conseguirá escapar. O segurança, com o rottweiler na coleira, já está de prontidão. Ele solta o cão do inferno que corre ferozmente em direção a Laila. Ela dispara e o acerta, mesmo assim ele continua o trajeto. Ouve-se mais um disparo. O cão, ferido e baleado, continua correndo e já está bem próximo. Ela não sabia que cães do inferno eram tão poderosos. E, com

a penúltima bala no tambor, ela engole em seco e dispara. O cão morre a seus pés.

Laila olha para Monique e para o segurança e resolve atirar nele, um tiro certo, bem no meio da testa. Sem munição, ela corre para o portão.

– Como você acha que vai sair daqui, vai escalar este portão imenso? Você acha mesmo que vai sair daqui viva? – diz Monique usando seu verdadeiro tom de voz, um tom que faria qualquer humano estremecer.

– Não, vadia, está vendo isso aqui na minha mão? – Laila levanta o braço e balança o jogo de chaves, deixando Monique surpresa. – Roubei de você assim que saímos do carro.

Laila aperta o botão do chaveiro e aciona o portão automático, para logo em seguida sair em disparada.

Ela olha o relógio e faz o sinal da cruz. Esta noite está sendo bem mais cansativa do que ela esperava. Os hematomas decorrentes da luta ficam mais visíveis em seu corpo. A dor aumenta. Mesmo assim ela deve correr e continuar com seu plano B. Monique vem caminhando logo atrás, como que se já soubesse que Laila não aguentaria ir tão longe naquele estado.

Laila cai. Monique se aproxima e ergue os braços clamando por forças ocultas. O céu se fecha e a noite fica mais escura. Ainda no chão, Laila se arrasta de costas. Monique está pronta para sugar sua força vital, o mesmo que fez com todas aquelas pessoas. Seus dedos, como garras, estão prontos para desferir o golpe final.

– A sua energia fará parte do meu corpo. Toda a sua...

THUDT

Uma flecha é fincada no crânio de Monique.

THUDT

Outra flecha é fincada em seu pescoço. Surpresa, seu último olhar foi para a torre da igreja, onde padre Antonio Spadoni, sem camisa e de cueca samba canção, ergue seu arco em sinal de vitória.

– Uhuuuuuuuuu!!! – eu li o bilhete que você deixou em cima da minha mesa, Laila – grita Spadoni.

Querido padrego.

Vim hoje até a igreja para combinar uma caçada contigo.

Um poderoso demônio vem matando diversas pessoas para sugar suas energias vitais. Venho investigando este caso faz tempo e finalmente descobri quem ele é. Mas se algo der errado farei o possível para chegar no pátio da igreja mais ou menos às 3 h da manhã. Se alguém estiver comigo ou me perseguindo, sei que você saberá destingir humano de demônio.

Beijos,
Laila

Laila olha para o relógio: 3 h 5 min. Ela calculou tudo muito bem e teve sorte de Spadoni ter lido o bilhete.

Ela se levanta e põe a mão no peito. Dor. Os joelhos doem. Olha para o padre, ainda na torre da igreja, já bebendo uma garrafa com vinho no gargalo. Na porta da igreja, ela vê um homem de capuz, que resolve caminhar vagarosamente em sua direção.

– Ei, ei. Calminha aí. Quem é você? Spadoni, você não vai fazer nada? – grita Laila.

– Fique... deixe eu beber mais um pouquinho, perai... Fique tranquila, esse aí, pela aura, não é demônio. Além disso, eu o vejo todas as noites quando vem aqui deixar o endereço de onde eu devo comparecer para matar demônios – diz Spadoni, tranquilo.

O homem para e abaixa o capuz, mostrando seus longos cabelos e barba.

– Meu nome é Rafael. Rafael Monte Cerquillo. Eu também sou caçador de demônios e sei muito bem onde quase todos eles estão ou vão todas as noites. Eu tenho bons informantes, mas preciso da colaboração de vocês para algo bem maior que está para acontecer.

Laila cerra os olhos, depois olha para Spadoni, que apenas balança a cabeça em sinal de aprovação.

LEIA UMA AVENTURA COMPLETA COM LAILA, ANTÔNIO SPADONI E RAFAEL MONTE CERQUILLO, NO LIVRO “CAÇADORES DE DEMÔNIOS” (EDITORA DRACO)

Saiba mais: <http://editoradraco.com/2014/11/18/cacadores-de-demonios-ademir-pascale>



Ademir Pascale é Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes “Nouvelles du Brésil”, publicado na França pela editora Reflets d’Ailleurs. Publicou pela Editora Draco “O Desejo de Lilith” e “Caçadores de Demônios”. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. E-mail: pascale@cranik.com. Facebook: Ademir Pascale. Twitter: @ademirpascale.

A Infância no Sertão

Gilvan Guedes



A Infância no Sertão é um livro que retrata a vida de uma criança pobre que nasceu no sertão da Bahia. Após a morte de sua mãe, com apenas 15 anos foi viver sozinho trabalhando como tropeiro. Fez riqueza e fama no sertão. Vivenciou o fim do cangaço, da escravidão e passou pelo horror da Guerra de Canudos, que matou mais de 30 mil nordestinos. A 2ª maior matança que já aconteceu no Brasil. Ainda não existe uma explicação para os crimes e a loucura humana.

Para adquirir, acesse: www.autografia.com.br
ou adquira diretamente com o autor. E-mail: gsilk_@hotmail.com

Por Amanda Leonardi

O Paciente número 13

O jovem jornalista, Victor Lane, não sabia que esse era o último dia de sua vida.

Ele faria de tudo por um furo de reportagem sensacional, ainda mais quando uma investigação policial estava em jogo. No momento, Victor investigava o caso de um psicopata o qual dizia ser um cientista, Roderick Stein, que sequestrou treze pessoas para a realização de um experimento sádico. Literalmente. O experimento tinha como objetivo estudar os motivos e reações de um potencial sádico e, para isso, o auto-intitulado “cientista” manteve treze cobaias presas em uma sala no porão de sua casa de campo por três dias, cada uma em uma minúscula sub-sala no porão, onde era entregue a eles objetos afiados, como lâminas, facas, tesouras, agulhas, etc. E uma caixa de sapato com um rato vivo dentro. Eles não receberiam alimento até que começassem a torturar o animal e o matassem.

Todas as salas tinham um espelho no interior, que era na verdade um vidro para que o dono da casa pudesse observá-las pelo corredor do porão. A maioria das cobaias eram também fugitivos de uma instituição para pessoas com problemas mentais, a mesma na qual Stein estivera internado e da qual também fugira. Stein revelava em diários dele, encontrados no porão, que organizara uma fuga coletiva, com o objetivo de levar os colegas de instituição para a realização do experimento. A maioria das cobaias eram claramente pessoas perturbadas, que riam histericamente sem motivo, corriam de um lado para o outro arregalando os olhos para qualquer ser vivo e outros comportamentos considerados ainda mais estranhos. Porém, alguns deles poderiam se passar por pessoas completamente saudáveis e agir civilizadamente, se assim desejassem, por mais cruéis que pudessem ser quando quisessem se divertir.

O experimento, segundo diários do cientista, serviria para identificar traços de sadismo em pacientes com diferentes transtornos mentais e como isso influenciaria nos métodos de tortura ou de assassinato utilizados por cada um contra o animal. No entanto, de acordo com as anotações de Roderick Stein, o décimo terceiro paciente, como ele chamava, demonstrava um comportamento excessivamente agressivo e ameaçava matá-lo, torturando-o mais do que torturava o rato (ele

descrevera a forma como esse paciente devolvera o cadáver do rato quando ele foi abrir a porta para levar alimento, no final do primeiro dia: a caixa estava cheia de sangue e, em cada canto dela, estavam pedaços do rato, divididos por categorias, a pele em um canto, os olhos em outro, os ossos em outro e a carne em outro. Na tampa da caixa de papelão havia uma ameaça escrita em sangue.

Tal ameaça não assustara nem um pouco Stein, que dizia, em seu diário, se divertir assistindo aos seus pacientes pelos vidros das portas, como se assistisse a filmes de humor negro. Ele se deliciava ao ver quando seus pupilos, como ele os chamava no diário, começavam a se divertir com o rato. E se divertia tanto quanto ao ver aqueles que não tinham coragem de matar o animal ou torturá-lo gritando por socorro, pois ele aprisionara todos eles, após dopá-los e acorrentá-los (provavelmente com ajuda de algum aliado ou mais, mas nenhum aliado foi encontrado). Entretanto, os planos de Stein foram interrompidos.

O diário consta três dias de registros: depois disso, os corpos de doze das cobaias e de Stein foram encontrados mortos. Completamente desfigurados. Irreconhecíveis, exceto pelo pedaço de pele das costas de cada um, que constava o número de “paciente” deles, bem abaixo do pescoço, marcado a ferro quente, de 1 a 12. Tirando isso, havia poucos pedaços de pele livres de cortes ou mutilações severas. Menos o corpo de Stein, que, de acordo com a última entrada de seu diário, se suicidara com um tiro na têmpora direita após matar o décimo terceiro paciente. O último dia narrado por Stein conta que o décimo terceiro paciente matara todos e tentara matar Stein também, porém, o “cientista” resolvera por um fim ao desastre que criara, matando o monstro, como ele então chamava o décimo terceiro paciente, e se suicidando em seguida. No entanto, o corpo do décimo terceiro paciente nunca fora encontrado. Isso é tudo que Victor descobrira até então.

Até entrar em contato com uma policial, Morgana Hearken, a qual o disse que estava secretamente envolvida na investigação. A bela policial, ruiva e com olhos acinzentados (como se algo quase oculto naquele cinza deles quisesse contar muito mais) disse que não poderia revelar muita coisa, não oficialmente, pelo menos, mas convidou o jornalista

para beber alguma coisa, e enquanto bebiam, acabou contando a ele a teoria oficial da polícia até o momento: que o paciente número 13 era o próprio Stein, e ele lutava contra alguma espécie de alter-ego, até que perdeu o controle, matou todos e se suicidou. Victor ficou impressionado e acreditou que tudo fazia sentido, por mais estranho que fosse, afinal, Stein era um paciente fugitivo de uma instituição para pessoas com problemas mentais.

A conversa dos dois andou para outros lados, saiu da cena do crime e foi para o quarto de Morgana, onde os dois logo também foram parar. A jovem, que dizia ter iniciado carreira na polícia há pouco

tempo, confessou a Victor que tinha uma boa experiência com algemas, apesar de nunca ter prendido criminoso algum. Os dois beberam algumas cervejas até que, com um sorriso malicioso, Morgana prendeu Victor na cabeceira da cama com um par de algemas. Em seguida, atirou a chave das algemas pela janela do vigésimo andar, e ao tirar a blusa de costas, Victor viu que, abaixo do pescoço dela, havia o número 13, marcado a ferro quente. Ela fechou a porta do quarto, cujas paredes são a prova de som, e tirou uma faca da gaveta da cômoda.

Amanda Leonardi, nascida em Porto Alegre, em 23 de agosto de 1991. Escritora e tradutora, escreve para os sites Literatortura e Indique um livro, participou das antologias Estrada para o Inferno, da editora Argonautas, King Edgar Hotel, Legado de Sangue e Horas Sombrias da editora Andross, As Quatro Estações, da editora Multifoco, do ebook Contos de Terror, da Fábrica de Ebooks e organizou a antologia online A Taverna do Amontillado, publicada pela plataforma de e-books Wattpad.

Por Zoraya Cesar

Apaixonada Ma Non Troppo

Ela tinha quase 70 anos, era gorda, mal cuidada. Não por falta de dinheiro, ao contrário, era viúva rica. Apenas não era vaidosa. Bem, dizer que não era vaidosa é uma inverdade. Odete era relaxada mesmo. Não fazia a mínima questão de se cuidar, nunca fizera um exercício na vida e jamais passara um creme no rosto sequer.

As roupas? Caríssimas, compradas nas lojas mais elegantes. Porém de um mau gosto atroz. Se Odete fosse homem, poderíamos dizer que ela se vestia como um bicheiro gordo. Mas ela é uma mulher, e é muito importante para nossa história que não esqueçamos disso, portanto, não vamos falar em bicheiros. Nem em gordos (até porque esse fato realmente não é tão fundamental assim, é só para dar uma ideia da figura de Odete ao amigo leitor)

Como resultado de seu desleixo estético, era chamada de "tribufu" pelas costas (inclusive pelo próprio o marido, uma baixaria). Odete se cuidava mal mas tinha uma saúde de ferro. Ferro, alumínio, zinco, tudo estava em ordem (e o marido, que era quase psicótico em termos de saúde, morreu antes dela. Coisas da vida).

Agora, vamos à vida social de Odete. Por ser rica, amigas não lhe faltavam, nem clubes ou compras. Mas não sejamos tão cínicos, Odete tinha duas amigas verdadeiras, que estavam com ela por amizade, e não por interesse ou obrigação social. É a pura verdade, foi uma delas quem me contou tudo.

Assim que o marido morreu, Odete decidiu que era tempo de se divertir, afinal, o chato passava os dias trancados em casa, não saía com ela para fazer nada, vivia resmungando. Sim, pensou Odete, vou me divertir.

E dá-lhe de viajar, sair, comprar. Porém Odete continuava insatisfeita. Algo lhe faltava. E uma noite, jantando sozinha no Massimus, um dos restaurantes mais caros da cidade (não me pergunte qual cidade, não sou rica que nem a Odete, não freqüentamos os mesmos círculos), ela percebeu qual o problema.

Faltava-lhe companhia. Masculina.

Precisava encontrar um homem que estivesse disposto a ficar com ela, em todos os sentidos. Não entenderam? Tentarei explicar sem perder a elegância. Havia anos incontáveis que Odete e o falecido Augusto não tinham conjunções carnis. Nem de qualquer outro tipo, a bem da verdade. E Odete, pode-se dizer o que for dela, jamais traíra o marido, mesmo quando, um pouco mais jovem, ainda abrasava-se com os desejos da carne insatisfeita.

Pois os calores do desejo voltaram a percorrer seu corpo, e ela não estava nem um pouco disposta a sufocá-los novamente. Restava-lhe, portanto, resolver a equação: idosa + feia + gorda. E, enquanto pagava a conta do jantar, chegou à solução. Rica. Ela era rica. Podia ter o homem que quisesse. Bastava apenas querer o homem certo.

Começou a procurar em anúncios de jornal por rapazes de programa. Não joguem pedras nem critiquem. Eu mesma não estou julgando Odete, apenas contando a história. Aliás, vamos à história.

Odete saiu com vários, mas nunca levou nenhum para casa, era sempre em motéis de luxo. Que ela pagava, claro. Assim como os jantares e extras.

Um dia encontrou um rapaz que a agradou mais que os anteriores. E foi com ele que Odete fez um acordo de exclusividade, pelo qual ele ficaria disponível a qualquer momento que ela chamasse para jantar, ir ao cinema, fazer compras ou... vocês sabem, ter relações íntimas (com direito a tudo, tudo mesmo, inclusive beijo na boca). E em vez de pagar por programa, Odete lhe daria um salário.

Ela sempre achava Paris entediante, mas era o sonho dele, então, lá foram eles. Ele gostava de dirigir; ela comprou um carro para ele levá-la aos motéis e lugares. Jantavam apenas em locais discretos e luxuosos, e, para isso, era necessário que o rapaz se vestisse de acordo. Foram a Nova Iorque comprar roupas para ele.

Uma noite, porém, em pleno colóquio carnal, num quarto cercado por espelhos no teto, nas paredes, até o chão era meio espelhado, no

auge, no clímax do ato libidinoso, ele grita "eu te amo".

Pequena pausa, silêncio profundo.

PLAFT.

A mão pesada de Odete deixou a marca de seus dedos na cara do rapaz, que, aturdido e machucado (o tapa doeu!), pulou da cama, cambaleante.

- Tá pensando que sou burra? Pensa que eu não me enxergo? Você ama é o meu dinheiro, isso sim. E você está dispensado. Vai voltar para seu trabalho de go-go boy.

E Odete contava o caso às gargalhadas, nem um pouco constrangida. Dizia que não tinha ilusões românticas e nem queria homens da sua idade. "Quem gosta de velho é cadeira de balanço", repetia. Ela só queria se divertir, afirmava. E voltou a olhar os classificados.

*Conto originalmente publicado no e-book A viúva e outros contos, da autora, e no blog cronicadodia.com.br.

Zoraya Cesar é carioca, escritora de contos curtos, de temática policial, urbana e sobrenatural, publicados, originalmente, no blog cronicadodia.com.br desde 2011, e também no Jornal de Caruaru (<http://www.jornaldecaruaru.com.br/>).

Seu conto A Amante, foi adaptado e radiofonizado em formato de novela pelo Núcleo de Dramaturgia das Rádios EBC, e levado ao ar em 7-6-2014. Em 2014, lançou o e-book A Viúva e outros contos. Algumas das histórias desse livro foram, posteriormente, recomendadas e publicadas na Revista Real, no blog Clube de Contos e na Revista Brasil Literando. O conto Biografia não autorizada foi traduzido para o alemão e publicado na coletânea Grenzelos, da Arara Verlag.

E, por fim, lançou, esse ano, o audiobook O Porteiro e outros contos urbanos, pela Tocalivros, com narração da própria autora.

Facebook: Zoraya Cesar Escritora

Twitter: @ZorayaEscritora

Google + : zoycesar

Por Ricardo de Lohem

Eu sou Ewais

O telefone toca.
“Alô?” atende uma voz de menina.
“Bom dia! Com quem estou falando?” pergunta uma simpática voz de moça.
“Ewais” ela responde.
“Ewais? Que nome original! Me diga uma coisa, Ewais: você gostaria de participar de um jogo?”
“Um jogo? Que legal! Quero sim!” responde ela, alegre.
“Que bom então. Eu me chamo Syrena, e vou fazer algumas perguntas. Diga quando estiver pronta.”
“Pode falar, moça!”
“Em qual ano estamos?”
Silêncio.
“Eu... não sei, moça!” diz a menina, hesitante.
“Quer pular essa?” propõe Syrena.
“Quero!” responde ela, aliviada.
“Tudo bem, vamos então pra próxima pergunta: Qual é o nome da cidade onde você está?”
Ewais faz muita força, muita mesmo, mas não consegue se lembrar. Ela vale até a janela: quem sabe não vê alguma coisa que faça ela se lembrar?
A cidade parece arruinada. Construções destruídas e semidestruídas. Por todos os cantos, corpos e restos de corpos.
“Ewais? Você está me ouvindo?”
“Tô sim,” ela responde, voz de chateada.
“Qual é o nome da cidade?”
“Não sei!” responde ela, nervosa.
“Você quer pular essa também? Tenho que te avisar que, neste jogo, só pode pular duas perguntas.”
Um barulho de explosão. Ewais vê um clarão não muito longe de onde ela está. Logo depois, uma novem de fumaça.
“Moço, tá acontecendo alguma coisa aqui!” diz a menina, com medo.
“O quê?” pergunta o rapaz.
“Explodiu alguma coisa!”
“Ewais, você quer pular a pergunta?”

“Quero! Eu quero pular sim!”
“A próxima pergunta é: onde estão seus pais?”
Ela pensa um pouco.
“Não sei, moço, não sei mesmo.”
“Vá procurar por eles, eu espero.”
A menina começa a procurar pela casa. Na sala não tem mais ninguém; na cozinha falta uma parede, tudo quebrado. Ela sobe a escada, entra em um quarto, no chão encontra um casal. Mortos.
“Já achou seus pais?” perguntou Syrena.
“Não sei se eles são meus pais,” respondeu a menina.
“Não importa que eles estejam mortos: só quero saber se são seus pais,” diz a mulher.
“Moça, como você sabe que eles tão mortos?”
“Procure um jeito de saber se eles são seus pais,” sugere a moça.
A menina procura pelo quarto atrás de alguma coisa. Ela acha um notebook, nele fotos de uma menina. Seria ela? Não, a menina da foto se chama Luiza.
“Eles não são meus pais,” fala a menina ao telefone.
“Então quem é você?” pergunta Syrena.
Ewais hesita.
“Não... sei, não sei, moça.”
“Descubra quem você é. Deve ter alguma pista aí mesmo, no quarto onde você está.”
A menina começa a procurar pelo quarto, sem saber o quê. Acha um notebook; nele, um monte de arquivos. Um chama a atenção da menina: “Projeto Earth Wall”. Invasão da Terra, sistema de defesa baseado em AI. Tudo isso parece familiar, uma ideia brilha em sua mente, mas ela não tem bem certeza de ter chegado à resposta certa.
“Descobriu quem você é?” pergunta gentilmente a voz no telefone.
“Não tenho certeza não,” responde Ewais
“Procure um espelho e se olhe nele,” sugere Syrena.

“Ewais? Conseguiu achar um espelho?”

“Sim,” responde ela.

“Então, quem é você?”

“Eu sou EWAIS.”

“Muito bem.” A voz da moça muda: está fria, sem nenhuma emoção.

“Agora eu vou fazer a última pergunta. Preste bem atenção.”

“Vocês se rendem?”

“NUNCA!”

Ricardo de Lohem Dania Pedroza nasceu em São Paulo, Capital. É escritor, dedicado ao gênero ficção científica, e biólogo, formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 2014 lançou seu primeiro romance de ficção científica: Kaunan - O Homem Lagarto. Hoje se dedica a escrever contos e preparar seu próximo romance.

E-mail: ricardo.de.lohem@gmail.com. Facebook: Rich Dan.

revista

Conexão Literatura

literatura num só lugar

Baixe nosso Mídia Kit:

www.fabricadeebooks.com.br/midia_kit.pdf

**Faça parte das nossas edições!
Saiba como patrocinar, anunciar,
ser entrevistado ou mesmo publicar
a sua crônica ou conto!
Escreva para: pascale@cranik.com**

Curta nossa Fanpage:



www.facebook.com/revistaconexaoliteratura

Acesse nosso site:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

uma parceria

